

# **Sistema Orgânico do Trabalho**

Arquitetura Crítica  
e Possibilidades

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Benini, Édi Augusto

Sistema orgânico do trabalho: arquitetura crítica e possibilidades / Édi Augusto Benini – 1ª ed. – São Paulo: Ícone, 2012.

Bibliografia.

ISBN 978-85-274-1212-4

1. Administração pública. 2. Autogestão. 3. Economia solidária. 4. Organização do trabalho. 5. Políticas públicas. 6. Relações de trabalho. 7. Transição. I. Título.

12-08342

CDD-351.0073

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Sistema orgânico do trabalho:  
Autogestão e administração pública. 351.0073

Édi Augusto Benini

# **Sistema Orgânico do Trabalho**

Arquitetura Crítica  
e Possibilidades

1ª edição  
Brasil – 2012

 **icone**  
editora

© Copyright 2012 – Édi Augusto Benini

### Conselho editorial

Cláudio Gastão Junqueira de Castro  
Diamantino Fernandes Trindade  
Dorival Bonora Jr.  
José Luiz Del Roio  
Marcio Pugliesi  
Marcos Del Roio  
Neusa Dal Ri  
Tereza Isenburg  
Ursulino dos Santos Isidoro  
Vinícius Cavalari

### Projeto gráfico, capa e diagramação

Richard Veiga

### Revisão

Juliana Biggi

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Distribuído pela:

**ÍCONE EDITORA LTDA.**

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP 01135-000 – São Paulo – SP

Tel./Fax.: (11) 3392-7771

[www.iconeeditora.com.br](http://www.iconeeditora.com.br)

[iconevendas@iconeeditora.com.br](mailto:iconevendas@iconeeditora.com.br)

## ~ APRESENTAÇÃO ~

Certa vez, Georg Lukács afirmou que o marxismo deveria ser renovado. No breve século XX, com a ascensão do stalinismo na União Soviética e sua enorme influência em inúmeros países, a teoria marxista foi convertida em dogmas e engessada no culto ao líder Stálin.

Retomar a crítica implacável ao sociometabolismo do capital, que se materializou tanto no “capitalismo real” quanto no “socialismo real”, é tarefa urgente neste século XXI. Junto a isso, retomar a criatividade para delinear como seria uma sociedade para além do capital, também é uma tarefa imprescindível.

É aqui que se insere o livro de Édi Benini, como um balanço crítico dos embriões de desalienação do trabalho e ao mesmo tempo uma proposta não messiânica a ser debatida pelos movimentos sociais e intelectuais engajados nas lutas anticapital neste novo milênio.

Para entender melhor a configuração do livro, é imprescindível retomar sua trajetória. Benini conjugou neste livro sua experiência de aluno em Administração Pública na Unesp-Araraquara, o mestrado sobre políticas públicas de Economia Solidária realizado

na Fundação Getúlio Vargas (SP), os conhecimentos adquiridos na ação direta com assentamentos rurais, quando trabalhou no INCRA em Tocantins, além da sua experiência como professor em disciplinas ligadas a Gestão Pública no curso de Administração da Universidade Federal do Tocantins bem como na experiência adquirida como coordenador e professor do curso de especialização “Gestão Pública e Sociedade”, tanto na versão local quanto na versão nacional.

Na Unesp-Araraquara, sob influência do professor Felipe Silva e do marxismo renovador desta faculdade, Benini entrou em contato com as diversas formas de resistência ao avanço do capital financeiro no século XX, principalmente a retomada das lutas pelo trabalho associado. Ao mesmo tempo, começou a se debruçar sobre as teorias ligadas a “autogestão societal”, muito distinta da gestão neoliberal que vem destruindo os poucos poros desmercantilizados que restam nos escombros da nossa república.

Tendo como ponto de partida a indagação sobre as condições para uma efetiva autogestão das unidades produtivas, Benini compreende a autogestão como um conceito e práxis que transcende a alienação do trabalho, logo, como uma construção histórica de uma nova sociedade que tem nos embriões de trabalho associado suas primeiras manifestações concretas. Nesta perspectiva, ele problematiza três formas de enfrentamento do trabalho frente ao capital: o reformismo, o estatismo, e a via do trabalho associado, que tem sido renovada por vários movimentos sociais, dentre eles o movimento da economia solidária. Ele ressalta que, apensar dos limites de cada uma, somente a economia solidária vem a questionar diretamente as mediações elementares do capital.

Na segunda parte do livro, Benini aprofunda um pouco mais as contradições da economia solidária, ressaltando que a impossibilidade de realização plena dos preceitos da autogestão reside na fragmentação material e econômica das cooperativas e asso-

ciações, ou na sua integração por meio das mediações alienadoras do capital. Tal impasse leva a necessidade histórica de criação de novas mediações, pró-trabalho associado e pós-capital, a partir das várias experiências e acúmulos já conseguidos nas lutas e embriões de trabalho associado ou de formas de autogestão.

Nesse horizonte, ele propõe uma nova forma de se conceber a economia solidária, e com isso, reorientar sua práxis, aglutinando suas ações em três novas mediações: a) propriedade orgânica, b) renda sistêmica e c) autogestão societal, elementos constitutivos para um Sistema Orgânico do Trabalho – SOT.

Em outras palavras, a crítica ao trabalho alienado é o centro irradiador da sua proposta e ao redor dela aparece a crítica ao papel da Universidade, o definhamento do Estado e a criação de órgãos de gestão democrática, a relação entre controle das organizações produtivas pelos trabalhadores, e a desmercantilização, dentre outros.

Também cabe ressaltar que Benini retoma algumas das teses de István Mészáros em “Para além do capital” com o intuito de desenvolver sua proposta de um SOT. Nunca é demais lembrar que nos anos 1960, Oscar Varsavsky, intelectual argentino ainda pouco conhecido no Brasil, chamava sua proposta de “Socialismo Nacional Criativo” e José Mariátegui pouco tempo antes, desenvolveu a teoria de Marx dentro do propósito de um “socialismo indoamericano”.

Acredito, me apoiando em Mészáros, que é fundamental o controle global do processo de trabalho pelos produtores associados e não simplesmente a subversão dos direitos de propriedade estabelecidos. Desta forma, as cooperativas e associações dos trabalhadores – como experiências práticas de auto-organização dos trabalhadores – têm feito parte das estratégias de resistência dos mesmos neste contexto de crise estrutural do capital. Entretanto, acredito que se elas permanecerem isoladas de outras lutas anticapi-

tal, ou definharão ou sobreviverão a duras penas, mas dificilmente poderão avançar rumo ao controle global do processo de trabalho pelos produtores livremente associados.

Na terceira parte, Benini discute formas de enfiamento ou de implementação de um autêntico “sistema comunal” (Mészáros) a partir da aglutinação orgânica do trabalho (SOT), situando o mesmo frente aos movimentos sociais e frente ao Estado. Por fim, advoga que a busca por meios para uma efetiva e plena autogestão significa, sobretudo, “instituir as bases para uma sociedade de fato sustentável e solidária”.

O mérito do livro é justamente produzir uma síntese articuladora que tem como eixo o SOT e que ao mesmo tempo se desmembra nas mediações necessárias para a construção de novas condições de existência dos trabalhadores. Benini certamente nos brinda com este livro que ajudará os movimentos sociais a criticar as propostas de mudança epiteliais do capital – que nem sequer conseguem arranhar a superfície da miséria neste novo milênio – mas principalmente delinear caminhos para a construção de uma sociedade para além do capital.

*Henrique T. Novaes*

Julho de 2012

# ~: SUMÁRIO ~:

Agradecimentos, 11

Palavras Iniciais, 13

## *Parte 1.*

**DESAFIOS EM ABERTO, 21**

1. Revisitando as principais problemáticas societais, 23
2. Limites das propostas clássicas, 31

## *Parte 2.*

**SISTEMA ORGÂNICO DO TRABALHO:**

**ELEMENTOS CONSTITUTIVOS, 45**

1. A práxis do trabalho associado: da funcionalidade para a reversão da alienação do capital, 51
2. Rearranjo institucional e organizacional, 59
  - I. Fundação estruturante antipropriedade, 64
  - II. Caixa de mediação financeira, 66
  - III. Eixos Produtivos, 68
  - IV. Universidade Libertária, 71
  - V. Núcleos Comunitários, 73

3. Governança autogestionária, 77
  - I. Sistema de Conselhos, 81
  - II. Eixos Produtivos: Autogestão Técnica e Coordenativa, 85
  - III. Núcleos Comunitários: Autogestão Social Plena, 86
  - IV. Comunas: Autogestão Política Ampliada, 89
  - V. Sistema Comunal: Autogestão Territorial, 91
4. Fluxos de riqueza societal e sustentabilidade orgânica, 93
  - I. Intercâmbios entre o Sistema Mercantil e o Sistema Comunal, 93
  - II. Da perspectiva individual para a coletiva, 101
  - III. Da perspectiva coletiva para a individual, 105
  - IV. Renda Sistêmica: Trabalho disponível e tecnologia social, 109

### *Parte 3.*

## **ESTRATÉGIAS DE IMPLEMENTAÇÃO**

### **E ENFRENTAMENTO, 115**

1. Política e economia: codeterminação e múltiplos ataques, 117
2. Estado e autogestão: divergências e articulações, 127
3. Os movimentos pela reforma agrária e pela economia solidária: problemáticas e convergências de um projeto de desalienação, 135
4. Apontamentos para um projeto de implementação, 145
5. Sujeitos históricos e projeto político: iniciando a implementação do Sistema Orgânico do Trabalho, 149

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por uma sociedade sustentável autogestionária, 157

Posfácio, 163

Referências Bibliográficas, 165

## ~: AGRADECIMENTOS ~:

Não foi uma tarefa fácil vencer os diferentes obstáculos que se apresentaram para a publicação deste livro. Infelizmente, ao contrário do que muitos conclamam, novas críticas e ideias nem sempre são bem aceitas ou encontram espaço necessário para sua socialização e debate.

Por outro lado, felizmente os poucos apoios que tivemos neste momento inicial foram, sem dúvida, cruciais para termos algum “alicerce” para seguir em frente, arriscando ao menos propor uma outra visão e perspectiva para as lutas emancipatórias, indo um pouco além do já “consolidado” ou das “ideias recorrentes”.

Não vou aqui explicitar nomes, pois creio que além de ser desnecessário, certamente cada uma destas pessoas, ao lerem este livro, saberão que direta ou indiretamente contribuíram para que esta obra fosse possível, e a elas ofereço sinceramente toda minha gratidão; familiares, amigos, alunos, ex-alunos e alguns intelectuais e/ou militantes sem dúvida fazem parte dessa lista.

Também gostaria de expressar minha gratidão aos alunos da 3ª turma do curso de especialização em Gestão Pública e Sociedade, não apenas por terem aberto espaço para apresentar muitas das

questões e ideias abordadas aqui, mas, sobretudo, pelas críticas, perguntas, sugestões ou mesmo o interesse de se envolver numa futura construção coletiva; vocês também são parte crucial para o amadurecimento e motivação pela presente obra.

Enfim, mesmo considerando todos os apoios e críticas, não nos isentamos da nossa responsabilidade pelo resultado deste longo trabalho, que o leitor poderá agora conferir e fazer suas próprias considerações.

Boa leitura e um bom debate!